



BICHAS PRETAS AFEMINADAS: DO SILENCIAMENTO NA ESCOLA A SOLIDÃO NA VIDA

Rosângela Aparecida Hilário¹
Wilson Guilherme Dias Pereira²

RESUMO

Nos últimos quinze anos houve uma articulação progressista entre as políticas públicas que deram visibilidade a temáticas que uma parte significativa da sociedade brasileira gostaria de ver invisível: o uso social de nomes para travestis e trans, profissionalização e saúde da comunidade LGBTQI+, masculinidades e feminilidades dissidentes, os direitos e um processo de emancipação das pessoas negras, o acesso às universidades, os quais permitiram a construção de novas narrativas. Os Conselhos ligados aos grupos representantes dessas dissidências, organizados, exerceram pressão e conquistaram direitos que pareciam irreversíveis. Entretanto, o governo conservador instalado em 01 de janeiro de 2019, paralisou debates fundamentais que parecem relegados mais uma vez a clandestinidade. Entre estas temáticas, uma que perturba por ser a articulação de subalternidades e opressões diz respeito à construção das masculinidades negras, e o não lugar da bicha preta afeminada. A pesquisa está sendo realizada por meio da articulação de métodos que envolvem a etnografia escolar, a revisão bibliográfica e roteiro para entrevista focal. Até o momento, as indicações são de que a escola “invisibiliza” a sociedade ridiculariza, a polícia violenta e as ausências matam.

Palavras-chave: Visibilidade, Masculinidades Negra, Dissidências, Direitos, Bicha Preta Afeminada

INTRODUÇÃO

Nos últimos quinze anos houve uma articulação progressista entre as políticas públicas que deram visibilidade a temáticas que, uma parte significativa da sociedade brasileira, gostaria de ver invisível, tendo a sociedade civil e as instituições oficiais que ratificam o ordenamento legal dando-lhes materialidade: a existência de dissidências sexuais e necessidade do uso social de nomes para travestis e trans, profissionalização e saúde da comunidade LGBTQI+, masculinidades e feminilidades dissidentes. Entretanto, preconceito, exclusão, burocracia ao acesso escolar, seja na Universidade ou em escolas de ensino fundamental, torna-se um desafio para alunos e alunas dissidentes em suas sexualidades. O que é rito de passagem para alunos heterossexuais, o acolhimento e pertencimento aos grupos, para os dissidentes é batalha a ser travada dia após dia. Muitos, acabam desistindo, o que vai

¹Pós- Doutora em Educação/Faculdade de Educação da Universidade São Paulo/FEUSP. Professora do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de Rondônia. Líder do Grupo de Pesquisa Audre Lorde., rosangela.hilario@unir.br;

² Graduando em Direito/Faculdade UNIRON/Militante e Ativista Social/Membro do Grupo de Pesquisa Audre Lorde., wilgui123@gmail.com;



acarretar como consequência imediata baixa escolaridade e, em futuro próximo, alocação em subempregos, os quais permitem apenas subsistir, não se plenificar na identidade cidadã com direitos e deveres assegurados.

Os Conselhos ligados aos grupos representantes dessas dissidências, organizados, exerceram pressão e conquistaram direitos que pareciam irreversíveis. Entretanto, o governo conservador instalado em 01 de janeiro de 2019, paralisou debates fundamentais, relegados mais uma vez, a clandestinidade. Entre estas temáticas, uma que perturba por ser a articulação de subalternidades e opressões, diz respeito a construção das masculinidades negras, e o não lugar da Bicha Preta Afeminada. A reflexão aqui apresentada faz parte de um projeto maior, que tem como intencionalidade, identificar como a escola de Educação Básica, em seus anos iniciais tem lidado com esses dissidentes, como se organiza o currículo para apresentar as questões aos professores, professoras e alunas, bem como são formados professores e professoras para atuar junto a essa comunidade, na perspectiva do conhecimento para o pertencimento. Lembramos que a cidade de Porto Velho, onde se situa o lócus deste estudo em processo, é capital de Rondônia, o Estado mais evangélico do Brasil.

O texto surge da observação de que estratégias são criadas por alunos gays, pretos, pobres e afeminados para permanecer na escola de Educação Básica, reprodutora da face mais cruel, aos estigmas da sociedade patriarcal, a qual a representação da identidade masculina está ligado a virilidade, ao mascarar de sentimentos, zelar e prover a família, “defendendo” o território sagrado do espaço familiar. Se ao homem branco a representação de masculinidade sobrecarrega, ao homem negro com resquício de pessoa escravizada no DNA, marca, extenua e destrói.

O relato foi constituído por meio da articulação de métodos que envolvem a etnografia escolar, a revisão bibliográfica e a descrição de cenas rotineiras destas pessoas para marcar e defender o direito a sua existência. O texto está estruturado em três partes articuladas por meio de uma mesma linha: formação de professores como estratégia para desenvolvimento social para todos.

Na primeira, percorre-se a complexa conceituação de Masculinidades Pretas, tendo como pressuposto básico a desconstrução da masculinidade patriarcal heteronormativa e branca. Na segunda parte é apresentada a complexidade de conceitos como gênero, sexualidade e masculinidade no espaço escolar e traçado um paralelo sobre a importância de políticas públicas de valorização das dissidências, a partir das salas de aula, especificamente voltadas para esta parte do Brasil, que fortaleçam a identidade docente e emancipem os

professores de dogmas passíveis de intervenção na produção do conhecimento que liberta e permite fazer escolhas. Na terceira, discute-se políticas públicas e inclusão das dissidências em processos resistir na escola para plenificar a vida.

A reflexão nos remete a importância da abordagem de questões de gênero e sexualidade na formação inicial de professores, considerando que a não abordagem traz consequências negativas, e parece, o assunto passou da hora de entrar em pauta e ser exaustivamente debatido. Para tanto, professores precisam estar preparados para o enfrentamento da temática.

Não se pretende esgotar a reflexão neste único ensaio. Este se constitui em sementes introdutórias lançadas no bom terreno do debate acadêmico, adocicado pela poesia lancinante da alma feminina/masculina e de outras definições para masculinidades e feminilidades. A marca deste ensaio é a contradição. Entre o que parece e o que é. O conceito e a realidade materializada.

METODOLOGIA

O gênero escolhido para compartilhar a inquietação, não por acaso, é o ensaio. O ensaio se situa em portal entre o rigor da ciência e a liberdade da poesia. Ensaia-se respostas cientes do condicionante do tempo e das múltiplas possibilidades de respostas. Ou, como bem escreveu Machado (2015) “a marca do ensaio é a singular solidariedade entre logos e pathos nas experimentações”. Liberdade na escrita temperada com responsabilidade nas ideias apresentadas.

QUANDO EU SOLTAR A MINHA VOZ, POR FAVOR, ENTENDA: EU TENHO O DIREITO DE EXISTIR

A paráfrase para o título foi escrita a partir da letra de Gonzaguinha, imortalizada na voz de Maria Bethânia³, e gritada a plenos pulmões por Bichas Pretas e afeminadas, em seu processo de formalização dos saberes, todos os dias. Preconceito, exclusão, burocracia ao acesso escolar, seja na Universidade ou nas Escolas de Educação Básica, torna-se um desafio para alunos e alunas dissidentes em suas sexualidades. O que é rito de passagem para alunos heterossexuais, o acolhimento, o pertencimento aos grupos; para os dissidentes é batalha a ser

³ Grito de Alerta

travada dia após dia. Muitos, desistem por não suportar o sobrepôr de opressões que se entrecruzam a partir da intersecção de raça, classe social e não reconhecimento dos muitos sinônimos legítimos que a sexualidade e o prazer podem formar.

O conceito de masculinidade precisa passar por uma revisão na contemporaneidade, segundo temos constatado, em nossos estudos e andanças. No mínimo se faz necessário que assuma o plural, para que contemple em uma definição não acabada, as várias identidades do ser/tornar-se homem. A masculinidade universal ou hegemônica não contempla mais a todos os sujeitos, e ao não contemplar, os relega a condição de figura exótica, coisificada, desumanizada para “permitir” seu “assujeitamento”.

Podemos dizer que o processo de construção e de masculinidade negra no Ocidente teve início no momento de classificação e hierarquização das raças. O pensamento colonial separou e racializou o sistema no mundo. Naquele momento, o homem negro foi marcado pelo seu sexo. O seu pênis foi tomado como o referencial de sua raça marcou as distinções entre homens negros e brancos. (Silva Junior e Caetano, 2018, p. 197)

Nesta reflexão, partimos do princípio de que Masculinidades e Feminilidades são entendidas como construções sociais, que variam espacialmente (a partir da leitura ampliada sobre as culturas), temporalmente (através do tempo e as mudanças provocadas na cultura), historicamente (no curso da existência dos sujeitos) e nas relações estabelecidas entre os diferentes grupos de acordo com o espaço/lugar ocupado por sua classe, raça e condição social.

Assim, a Masculinidade dissidente da Bicha Preta, Pobre e com trejeitos, que se sobrepõem e confronta a masculinidade universal é considerada uma afronta que deve ser ridicularizada, diminuída, escondida, controlada, negada.

Em uma rápida passada de olhos por trabalhos que versam sobre homossexualidades masculinas, uma infinidade de termos desenvolvidos em sua ampla maioria por homens heterossexuais brancos, procuram convencer a sociedade de que a única prática sexual aceitável era e continua sendo a cis heterossexual. Discursos religiosos, médicos e do direito ecoam por espaços variados e chegam aos ouvidos da bicha para informar quanto ela está em desacordo com as normas e como está sujeita as ações coercitivas. (Oliveira, 2018, p.133)

O (não) lugar da Bicha Preta e Afeminada parece determinado por padrões que não cabem a pessoa nenhuma, partindo do princípio que uma pessoa só pode ser comparada a si própria, logo as normas e regras é que devem se adequar aos padrões de relacionamento e felicidades que os sujeitos estabelecem para sua vida.

O mito da heteronormatividade precisa ser desconstruído e os conceitos sobre as várias composições possíveis para a cor e formas de amar discutidos à luz do dia. As Genis e suas famílias e afetos devem ter os direitos garantidos como qualquer cidadão/cidadã. Combater a ignorância com conceitos e conhecimento é condição essencial para extinguir a barbárie. A falta de proficiência na leitura de mundo

impede que pastores elevados à categoria de escolhidos ousem desafiar legislação educacional e definir o que pode ou não ser debatido, organizado e ensinado nas salas de aula, políticos mal-intencionados e demagogos façam proselitismo com as formas de amar e religião alheias e professores e professoras se sintam acudadas por Secretários de Educação que misturam suas convicções e fé pessoal com as funções inerentes ao cargo que ocupam. (Hilário, 2018, p. 218)

Por outro lado, o debate sobre Masculinidade em contraponto ao Machismo, que mata, machuca e destrói famílias, em seu entendimento enviesado sobre as relações assimétricas estabelecidas a partir do gênero, já traz desconforto, no que diz respeito a organização das Masculinidades Negras é quase profissão de fé: meninos pretos, em grande medida, crescem sem referências masculinas, sejam quais forem seus percursos de formação humana.

Garotos são com frequência sujeitados a abusos quando seu comportamento não está em conformidade com noções sexistas de masculinidade. Eles são frequentemente humilhados por adultos sexistas (principalmente mães) e outras crianças. [...] Quando pensadores e ativistas feministas oferecem a crianças um contexto de educação em que preconceitos antissexistas não são o padrão usado para julgar o comportamento, garotos e garotas são capazes de desenvolver autoestima saudável. Uma das intervenções mais positivas do movimento feminista em nome das crianças foi criar uma maior conscientização cultural da necessidade de participação igual dos homens na criação, não somente para construir equidade de gênero, mas também para estabelecer melhores relacionamentos com as crianças. (hooks, 2016, p.113)

Mães Pretas e Pobres, em toda a solidão que castiga a Mulher Negra, em todas as classes sociais, e de maneira perversa a periférica, educam seus filhos como é possível, entre os horários absurdos que os subempregos permitem, o percurso entre a casa e o trabalho, as responsabilidades com a manutenção das casas, o afeto nunca chegado, as omissões e ausências. Solitárias, colocam sobre os ombros de seus “meninos” a responsabilidade para organização de um futuro que parece não chegar nunca: redentor, promissor, próspero. E sofrem por não ter/ser o suficiente de acordo com as regras impostas por uma sociedade que quer ser eurocêntrica.

Bell hooks (2016), ao tratar das Maternagens e Paternagens, tendo como referência o Feminismo Negro, foi quem primeiro escreveu sobre as contradições de existir em uma sociedade que não reconhece outras formas e maneiras de amar e constituir família fora do “padrão”: o preço a ser pago é a naturalização da masculinidade tóxica que parece ser uma das causas da violência doméstica, o negar de qualquer forma de dissidência e a opressão sobre as minorias que se traduz em racismo, sexismo e opressão. No caso da Bicha Preta, na escola, uma combinação de tudo isso.

SEXO, GÊNERO E SEXUALIDADE: PRECISAMOS FALAR DESTE TEMA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O não interesse pelo conhecimento de questões relacionadas a gênero, sexo e sexualidade, muitas vezes, se deve ao fato do comodismo em reproduzir fatos e pensamentos a partir do senso comum, sobretudo em se tratando de assuntos polêmicos.

A influência religiosa nutre o conservadorismo e a resistência quando o assunto é sexo, infecções sexualmente transmissíveis (IST), prevenção e dissidências sexuais, contribuindo negativamente para que não haja o debate e a discussão sobre gênero e sexualidade. Isto reflete até mesmo dentro das Instituições de Ensino Superior.

Para desmistificar preconceitos e melhor compreender a temática, se faz necessário adentrar estudos na área que esclarecem o significado de cada conceito. Pensar sexualidade e gênero como definidos biologicamente revela desconhecimento e ignorância. Não é raro encontrarmos concepções distorcidas e que revelem total desconhecimento quando a sexualidade de determinada pessoa foge da heteronormatividade (padrão de regras que concebem o relacionamento entre pessoas do sexo oposto como sendo o único aceitável e correto). Muitas vezes, essa manifestação é conceituada como desvio de caráter, rebeldia e falta de maturidade, legitimando agressões físicas e psicológicas que acontecem na intenção de que o indivíduo deixe de manifestar sua identidade (JESUS, 2015). Para a desconstrução destas e outras concepções errôneas se faz necessário à informação e o diálogo, meios mais prováveis para alcançar tal objetivo (FIGUEIRO apud JESUS, 2015).

Em se tratando de gênero, entendemos como sendo o conjunto de regras e normas de comportamento previamente estabelecidas para o homem e para a mulher, podendo mudar de acordo com o momento histórico, a religião, cultura e localidade. Dessa forma, comportamentos específicos são concebidos como sendo características de determinado gênero, e há ainda quem acredite que a distinção entre os gêneros seja de natureza inata, ou seja, de acordo com o sexo do indivíduo (FELIPE, 2000).

A crença no inatismo do gênero e sexualidade por muito tempo – e infelizmente ainda atualmente – embasou o modelo de educação e legitimou a distinção no modelo educacional para meninos e meninas.

Além desta distinção no modo como a educação acontecia na escola, as mulheres eram incentivadas pelos veículos de comunicação a serem recatadas e cuidadosas com seus corpos, estando sempre em posição de submissão. É importante destacar que este mesmo controle de modo algum contemplava homens no “padrão”. As Bichas Pretas parecem ter uma

conta alta a saldar por renunciar a um dos poucos atributos que possui e a sociedade heteronormativa e patriarcal considera privilégio: o sexo biológico masculino. (FELIPE, 2000).

Nesta perspectiva, as Bichas Pretas e Afeminadas reúnem em seus corpos tudo aquilo que a sociedade branca, patriarcal e heteronormativa desejaria que desaparecesse: a coragem de sair dos subterrâneos e resistir, a criação de estratégias para sobreviver em territórios hostis e a audácia de dizer todos os nomes e sinônimos para amor.

Para tanto, precisam contar com o acolhimento, a força, o entendimento ampliado de mundo de professores e professoras. E, para que isso ocorra, se faz necessário que a formação de professores e professoras passe a debater sem risinhos, sem deboche e sem intervenção de outros profissionais que não sejam educadores e curriculistas. Não é mais possível estabelecer um currículo de formação de professores que considere referência ecos de uma Mitologia que não pode ser comprovada por meio das Ciências. Os dogmas religiosos devem permanecer nos espaços em que não interfiram nas escolhas de viver, sobreviver e transbordar das pessoas. As Ciências da Educação precisam ser balizadoras dos currículos de formação de professores.

Considerar o tempo e autoconhecimento de cada pessoa, suas escolhas e desejos é no mínimo justo. As diferentes expressões sexuais não requerem explicações: requerem aceitação, respeito, igualdade e garantia de direitos, e a desconstruções de paradigmas e dos preconceitos é o primeiro passo para estes avanços (JESUS, 2015).

É verdade que não nascemos predispostos a determinadas concepções ou apropriados de hábitos, costumes e regras: o que acontece é, através da educação que recebemos, nos apropriamos da cultura ao qual estamos inseridos, ou seja, regras de convivência construídas socialmente, por forte influência da família, religião e da escola. Submetidos a estas influências, estas condutas são interiorizadas pelos indivíduos e orientam a forma como estes se relacionam com o outro e com o mundo a sua volta, impedindo as múltiplas leituras possíveis para todos os fenômenos de viver e conviver.

Por isso, os docentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental exercem um papel primordial na desconstrução de preconceitos sedimentados a partir do fundamentalismo religioso, da ignorância e da aceitação de verdades acabadas para fenômenos que mesmo a Ciência passou a estudar recentemente: a complexidade dos estudos de gênero e o não lugar dos insurgentes, dos desacomodados que obrigam a toda estrutura escolar a se repensar para ser contribuir na transição de alunos e alunas para cidadãos e cidadãs independente de sua

QUAL A PALAVRA QUE NUNCA FOI DITA, DIGA: BICHA PRETA, AFEMINADA E COM DIREITOS

Em Porto Velho, quando um menino na escola opta por brincar com bonecas, se utiliza de ferramentas e condutas consideradas “femininas”, professoras e professores ficam desconfortáveis na abordagem, no tratamento e optam por, ou, fazer a política da avestruz ou exigir que a família tome providências para um “tratamento” para tornar a criança “normal”. Quando não, se utilizam de pastores fundamentalistas para “orações” para a “cura”. São estas atitudes que nos trazem inquietações, principalmente quando são perpetuadas no âmbito escolar, pelo corpo docente.

Para algumas pessoas é muito difícil respeitar o modo de vida do outro: se a família A segue um modelo predominante na sociedade e segue feliz, nisso há louvor. Se a família B vive feliz adotando um modelo diferente de A, o que há de errado na felicidade deste? A minha felicidade pode não ser a felicidade do outro, são questões particulares. É isto que devemos ensinar em nossas escolas: o respeito às diferenças nos transbordamentos que levam a felicidade.

Em uma sociedade onde há um grupo de pessoas que lutam pela aceitação e respeito das dissidências sexuais, trava-se um embate a toda essa norma socialmente imposta, que defende um padrão de vida de acordo com ideais particulares pautados principalmente em princípios religiosos. A não compreensão e o desrespeito às diferenças podem acarretar severos danos e consequências negativas na vida de quem sofre preconceito e discriminação pelo seu modo de vida e da sua família, ainda mais tratando-se de crianças em idade escolar, que muitas vezes pode até não ter negado o direito a frequentar a escola, mas esta torna-se um fardo quando não se é aceito e acolhido.

É verdade que não nascemos predispostos a determinadas concepções ou apropriados de hábitos, costumes e regras: o que acontece é, através da educação que recebemos, nos apropriamos da cultura ao qual estamos inseridos, ou seja, regras de convivência construídas socialmente, por forte influência da família, religião e da escola. Submetidos a estas influências, estas condutas são interiorizadas pelos indivíduos e orientam a forma como estes se relacionam com o outro e com o mundo a sua volta, impedindo as múltiplas leituras possíveis para todos os fenômenos de viver e conviver.



BICHAS PRETAS E AFEMINADAS NÃO PODEM !

Quando analisamos pesquisas internacionais e nacional, sobre a educação e pessoas LGBTQTs, percebemos quão drástico são os dados apresentados, e quando tal estudo é focado na capital do estado proporcionalmente mais evangélico do país, percebemos de forma ainda mais nítida o sofrimento psíquico e físico vivido pelos meninos afeminados.

A primeira opressão que percebemos, é quanto sua sexualidade, que assim como a de todo homem afeminado é posto em cheque no primeiro momento, deste modo, independentemente do garoto possuir a mínima noção de seus afetos e desejos, a comunidade escolar já impõe a ele uma “tarja” escrita “bicha”, e desde cedo, ele descobre que ser do seu jeito é ruim, se obriga a uma adaptação forçada a matriz hegemônica, o que lhe causa dor e sofrimento, por ter que ajustar comportamentos gestuais, de voz, roupas, dentre outros.

O menino afeminado nunca imaginou que pudessem descarregar tanta raiva e ódio em alguém, ainda mais ele, sempre tão gentil e acarinhado por todos ao seu redor. Era notório o seu desejo de se destacar, sua alma de artista que o fazia participar de tudo na escola: gincanas, festivais, coreografias, peças de teatro, quadrilhas de São João etc. É aí que começa a tormenta de nosso monstro-herói: certa vez, um outro menino, maior e mais forte, decidiu mostrar a ele que “se comportar feito uma menina” era errado e proibido. Viadinho! Viadinho! Viadinho! Aquela palavra soou como um golpe e, num crescendo de violência, vieram dias piores. (FERNANDES in: COLLING e NOGUEIRA, 2017, p. 156)

Se este indivíduo descobre-se ou aceita-se quanto gay, logo, o problema é ainda maior, pois a “tarja” que antes dizia “bicha”, agora diz “cure a bicha”, e inicia-se um processo dentro da própria escola, para forçar uma mudança sexual. Tal processo, vai desde “agressões sutis”, disfarçadas de brincadeiras por parte dos docentes, até agressões físicas feitas pelos outros alunos, além da total omissão da orientação pedagógica, que faz “vista grossa” até mesmo quando recebem as denúncias.

Ao deparar com todo este contexto de agressividade, não podemos esquecer que como nos ensina a teoria da interseccionalidade, as estruturas estão interligadas, logo a opressão de gênero e sexualidade descrita anteriormente, coabita com a de raça, o que intensificará ainda mais a dor e o sofrimento educacional para este menino, que é preto, afeminado e gay (FERNANDES in: COLLING e NOGUEIRA, 2017, p. 157).

Frente a tudo isso, não resta outra opção a não ser o silenciamento, camuflado pela timidez, suplicando a qualquer espírito de poder existente no universo, para que ele possa



passar despercebido pelas agressões, restando a este a solidão educacional, afastando-se de relacionamentos entre alunos e professores.

Quando nem mesmo o ato de silenciar-se, é suficiente, o que ocorre é sua expulsão da escola, adotamos aqui este termo pois não nos é cabível a utilização do termo evadir, visto que este aluno, não opta por sua saída da escola, ele sai pois é expulso por falta de receptibilidade e respeito mínimo necessário para o desenvolvimento educacional saudável de um indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando observamos no decorrer deste ensaio, as bichas negras e afeminadas no ambiente escolar, foi nítido o cenário de desconforto dos professores, ao analisarmos a proposição de debate desta temática no currículo educacional de formação dos professores, é explícito a indignação dos mesmos, da comunidade universitária, e externa (principalmente religiosa), de modo inclusive a interferirem para o silenciamento do próprio debate, não é atoa que tais temáticas foram retirados da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mesmo após longos debates científicos de defesa da importância de tais abordagens.

Destarte, percebe-se não ser apenas as bichas negras e afeminadas silenciadas, mas todos os debates e diálogos que tenham como finalidade a emancipação delas, ou as tenham como objeto de estudo. Tais ações têm como propósito a manutenção do *status quo* de poder, de uma educação patriarcal, hetero compulsória/normativa e racista.

Para a emancipação das bichas negras e afeminadas do espaço de subalternidade que estão sendo colocadas, é primordial que a academia, as políticas públicas e as escolas compreendam as multiplicidades existentes, as várias formas de amar e ser, e o seu papel para o rompimento com o racismo, a efeminofobia, e heterossexualidade compulsória/heteronormatividade no ambiente escolar.

Assim, para concluirmos este ensaio, transcendemos a ideia de reflexão, e transformamos em um manifesto de amor as bichas negras e afeminadas, declaramos que toda bicha negra merece viver o amor, e romper com as ideias construídas e solidificadas para o afeto.

Conclamamos todas(os/xs) professoras, professores e professorxs, para estudar, produzir conhecimento, abraçar, cuidar, e motivar seus alunos bichas negras e afeminadas,

para que a escola deixe de ser a tumba onde se enterram os sonhos assassinados desses indivíduos, e passe a ser o jardim onde se cultiva e floresce o conhecimento.

Convidamos homens negros a se amarem, em um processo diário de desconstrução, visto que foram ensinados ao auto-ódio.

Chamamos todas as afeminadas, para romperem com a masculinidade hegemônica e serem da forma que são nas escolas e universidades, pois sua emancipação sem medo garantirá a vida de várias crianças, adolescentes e jovens.

Por fim, declaramos que bichas negras e afeminadas podem!



REFERÊNCIAS

HILARIO, Rosangela Aparecida. As contradições de ser Geni em uma sociedade heteronormativa: vamos falar de sexualidade na formação dos professores? **IN**: Retextualizando: Arte, Literatura e Linguagem, Organizadores: PAZ, José Flávio & Gutierrez, Nestor Raul González. São Paulo, Agbook, 2018.

JESUS, Cassiano Celestino de. Homossexualidades nas Escolas: as concepções de educadores acerca da homofobia no contexto escolar. Boletim historiar, n. 08, mar./abr. 2015, p. 19-32. Disponível em <http://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/3712> Acesso: 01/07/2016.

SOUZA, Jane Felipe de. Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf Acesso: 30/09/2019.

OLIVEIRA, Meg Rayana Gomes de. Seguindo os passos “delicados” de gays afeminados e bichas pretas no Brasil. **IN**: De guri a cabra – macho: masculinidades no Brasil. Organização: **CAETANO**, Marcio & **SILVA JUNIOR**, Paulo Melgaço. 1ª Edição. Rio de Janeiro, 2018.

SEFFNER, Fernando. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. Florianópolis, 2011. p. 561-588. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a17> Acesso: 01/10/2019.

SILVA JUNIOR, Jonas Alves da. & **SILVA**, Maria de Lourdes Ramos da Silva. Não tem viado aqui: a construção de masculinidades em uma unidade socioeducativa do município do Rio de Janeiro. **IN**: De guri a cabra – macho: masculinidades no Brasil. Organização: **CAETANO**, Marcio & **SILVA JUNIOR**, Paulo Melgaço. 1ª Edição. Rio de Janeiro, 2018.

FERNANDES, Fábio. Quem tem medo do menino afeminado? – uma fábula de horror e medo. **IN**: Crônicas do CUS. Organização: **COLLING**, Leandro & **NOGUEIRA**, Gilmaro. – Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

